

No país do “rito frouxo”, os ritos pentecostais (talvez, sim; talvez, não) são anárquicos?

In the country of the “loose rite” are Pentecostal rites (perhaps, yes; perhaps, no) anarchic?

Gedeon Freire de Alencar¹

*O vento sopra onde quer.
Você o escuta, mas não pode dizer de onde vem nem para onde vai.
Assim acontece com todos os nascidos do Espírito.
João 3:8*

Resumo

Os rituais pentecostais brasileiros são anárquicos, frouxos ou apenas regidos por outra lógica? Partindo da metáfora bíblica do “vento que sopra onde quer” (João 3:8), refletimos sobre como os pentecostalismos articulam espontaneidade, pluralidade e poder simbólico em suas práticas litúrgicas, assim, com o rito de não ter rito. E, mesmo negados, eles existem. Com base em autores como Weber, Bourdieu e Foucault, o texto propõe que, mais do que ausência de rito, há aqui uma gramática ritual própria — flexível, performática e profundamente marcada pelo contexto brasileiro.

Palavras-chave: Ritos; Pentecostalismos; Congregação Cristã do Brasil; Assembleias de Deus e Polissemia Pentecostal.

Abstract

Are Brazilian Pentecostal rituals anarchic, loose, or simply governed by another logic? Based on the biblical metaphor of “the wind that blows where it wishes” (John 3:8), we reflect on how Pentecostalism articulate spontaneity, plurality, and symbolic power in their liturgical practices, thus, with the rite of not having a rite. And, even denied, they exist. Based on authors such as Weber, Bourdieu, and Foucault, the text proposes that, more than the absence of a rite, there is here a ritual grammar of its own — flexible, performative, and deeply marked by the Brazilian context.

¹ Doutor em Ciências da Religião – PUC-SP, membro da *Rede Latinoamericana de Estudos Pentecostais-RELEP*, da *Comissão de História da Igreja na América Latina e Caribe-CEHILA* e do *Grupo de Estudos dos Protestantismos e Pentecostalismos -GEPP-* PUC-SP, professor da Faculdade Unida. gedeon@fuv.edu.br

Keywords: Rites; Pentecostalism; Christian Congregation of Brazil; Assemblies of God and Pentecostal Polysemy.

Introdução

Parafraseando Max Weber (1991:152), segundo o qual o “*protestantismo ascético levou às últimas consequências o pleno desencantamento do mundo*”, eu diria: o pentecostalismo levou às últimas consequências a plena anarquia ritual.

No campo pentecostal, a regra é não ter regra; o rito é não ter rito. Tudo é improvisado, informal, relativo, plural, diversificado, contingente, imprevisível, ocasional, não cíclico ou, na fundamentação bíblico-teológica, dirigido pelo Espírito Santo. Assim, é impossível saber sua origem e fim; incontrolável nos seus movimentos, imprevisível em seus efeitos, impossibilitado de ser metrificado, invisível em sua atuação, imponderável em sua objetividade. Trata-se, portanto, de ritos anárquicos. Essa é a teoria teológica. Na prática, temos outras realidades. E, como Weber afirma e depois relativiza, farei o mesmo: *não existem ritos, mas os ritos existem*. Pois, se não existem ritos, então existe o rito de não ter rito; ou talvez, não existem ritos, mas existem ritualizações?

O rito dá segurança, produz controle, indica estabilidade, aponta um caminho conhecido, gera senso de pertencimento e se caracteriza pela repetição. Mas a liturgia pentecostal², na metáfora do vento — “*ninguém sabe de onde vem nem para onde vai*” — é improvisada, não repetitiva, barulhenta, voluntariosa, de participação paritária, sem hierarquia definida e sem planejamento prévio. Anárquica, no sentido pleno da palavra. É, mas não é.

1. Eucaristia, Batismo e os ritos sacramentais

² “Liturgia pentecostal”, assim, no singular é apenas uma força de expressão, pois, como o texto vai mostrar elas são diversas no tempo e no espaço, e não somente numa igreja local, mas os múltiplos grupos se diferenciam nas celebrações de batismo, santa ceia, titulações e estruturas eclesiais.

O campo protestante se caracteriza pela cissiparidade denominacional, no qual cada igreja tem sua própria história e, por sua tradição, estabelece seus próprios ritos. Algumas igrejas reformadas herdaram de suas origens europeias e estadunidenses alguns ritos, e alguns ainda são preservados. Suas liturgias, parecidas com as da Igreja Católica, seguem etapas como: (1) prelúdio; (2) invocação e louvor; (3) contrição; (4) edificação, homilia ou pregação; (5) despedida; e (6) poslúdio — prelúdio e poslúdio, nada mais clássico europeu! Tudo metrificado, regulamentado, conhecido com antecedência, pois, seguem seus calendários litúrgicos cíclicos com solenidades e vestimentas clericais obedecendo, inclusive, uma estética de cores nos paramentos³. Algo, aliás, muito criticado nos meios pentecostais, pois, assim, não se permitiria a “ação do Espírito”. Os pentecostalismos — absolutamente plurais e diversos — mesmo herdando alguns ritos, se entendem como “movimento do Espírito” (Campos, 1997), podendo e devendo inventar, negar ou ressignificar seus ritos.

Batismo e Eucaristia, no cristianismo católico, ortodoxo e protestante, são os dois únicos ritos em comum. Em tese, partilham do mesmo dogma: celebração da Páscoa ressignificada por Jesus com seus discípulos, na véspera de sua morte. Mas a periodicidade, participação, inclusão ou exclusão de participantes, vestimentas, oficiantes, músicas e gestuais litúrgicos diferem — e muito. Mais ainda: o evento histórico é, em tese, o mesmo, mas o dogma teológico é dispare. E mais uma diferenciação: na teologia católica, ambos são sacramentos, na eucaristia acontece a *transubstanciação*; na tradição protestante, a *consubstanciação*. Os nomes são parecidos, mas é apenas um mero jogo linguístico; há uma distância teológica imensa.

Na primeira, os elementos vinho e pão transubstanciados, como um milagre de fé, se tornam em corpo e sangue de Cristo; na segunda, segundo a

³ Além das mais clássicas e tradicionais datas, como Natal e Páscoa, nesse calendário litúrgico católico, há também as celebrações do Domingo de Ramos, Semana Santa, Quaresma, Cinzas, e, em cada cidade, a Festa da/o Padroeiro/a, nas igrejas pentecostais, com raríssimas exceções, não há nenhum calendário.

doutrina protestante, apenas uma celebração memorial⁴. E mais uma vez um novo complicador: na tradição protestante quase majoritariamente há essa percepção *racionalizada e memorialista*, mas não é uniforme. Algumas igrejas também ensinam que há uma presença espiritual real na Santa Ceia; algo como um meio termo entre as duas doutrinas.

Já o batismo: nas igrejas ligadas (ou que foram ligadas) ao Estado, celebra-se o batismo infantil; nas demais, apenas o batismo de adultos⁵. E há batismos por imersão, aspensão, exclusivamente em água corrente — e muitas outras peculiaridades. Como dizia um amigo: “*na minha igreja pode ser por aspensão, imersão, no rio, em água parada, com copo ou até por cusparada!*”

No “*pleno desencantamento do mundo*” (Weber) do protestantismo ascético, aboliram-se os sacramentos da teologia católica⁶, restando apenas os ritos do batismo e da Santa Ceia, e esses, sem caráter sacramental, ou seja, sem a graça como mediação de salvação. A eucaristia, de forma majoritária no campo protestante, chamada de Santa Ceia, é um simbolismo, como também a celebração de casamento⁷. Algumas igrejas a celebram em todos os cultos; outras, mensal ou anualmente; e há ainda aquelas que a realizam apenas quando o dia

⁴ “Tomando o pão, deu graças, partiu-o e o deu aos discípulos, dizendo: “Isto é o meu corpo dado em favor de vocês; façam isto em *memória* de mim”. “Façam isto em *memoria* de mim” Lucas, 22: 19. O grifo no texto é meu, mas, pessoalmente, não tenho nenhum entusiasmo e necessidade de fazer opção doutrinária.

⁵ Isso não é apenas um detalhe doutrinário, mas o cerne da doutrina batista (ou anabatista, uma complicação adicional), em que o batismo não é imposição do Estado ou escolha da família, mas uma escolha autônoma de indivíduos que escolhem sua própria religião, nada mais, pretensamente, moderno, ou como diria Azevedo (1996) “celebração do indivíduo”.

⁶ No caso, sete sacramentos: batismo, confirmação, eucaristia, penitência, unção dos enfermos, ordenação sacerdotal e matrimônio. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p2s2cap1_1210-1419_po.html#:~:text=Os%20sacramentos%20da%20nova%20Lei,a%20Ordem%20e%20o%20Matrim%C3%B3nio.

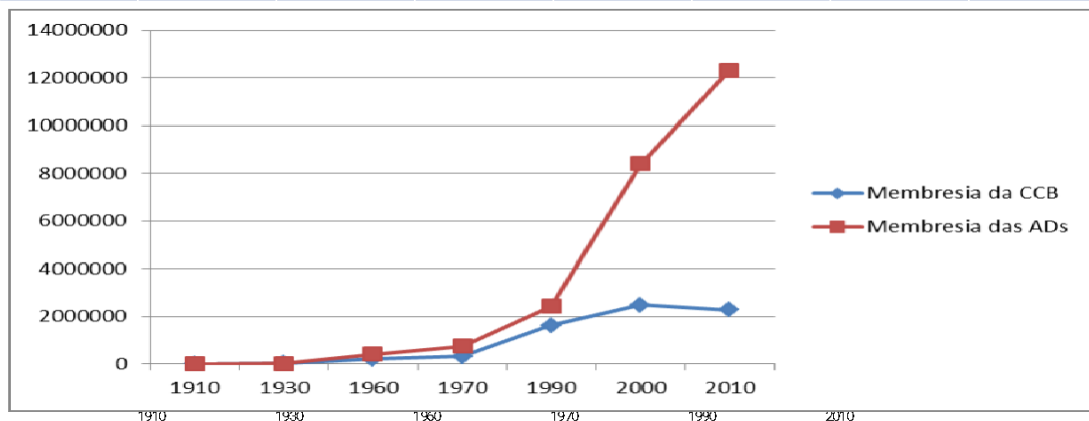
⁷ A cerimônia de casamento é apenas uma “benção”, um rito social realizado pelo ministro evangélico somente após a oficialização da união civil em cartório. Também é possível, e regulamentado por lei, que o ministro evangélico realize a cerimônia religiosa com efeito civil, posteriormente registrada em cartório. O que vale é o papel oficial dado pelo Estado. Por essa razão, a Congregação Cristã no Brasil (CBB) não realiza cerimônias de casamento em seus templos, limita-se a conceder uma “bênção” fora do ambiente religioso, preferencialmente no espaço familiar.

for “revelado”! Se nos campos católico, ortodoxo e protestante há diversidade de ritos, quais, então, seriam as especificidades dos rituais pentecostais? Inicialmente vamos indicar algo sobre as duas primeiras e maiores igrejas pentecostais, pois, enquanto igrejas centenárias é possível estabelecer algum critério de análise.

2. A homogeneidade da CCB e a heterogeneidade das ADs

CENTENÁRIO PENTECOSTAL: os irmãos & e a irmandade

	1910	1930	1960	1970	1990	2000	2010
Pop. Brasil	23.413.177	37.675.436	70.070.457	93.139.037	145.825.475	169.872.856	190.732.694
Membresia da CCB	20	30.800	211.108	328.655	1.635.983	2.489.113	2.289.634
Membresia das ADs	20	13.511	407.588	753.129	2.439.770	8.418.140	12.314.410



Fonte: IBGE

A *Congregação Cristã no Brasil* (CCB), estabelecida em 1910, caracteriza-se por uma liturgia fixa e única, preservada há mais de um século; por um modelo eclesiástico rigoroso; pela padronização da arquitetura de seus templos e pela exclusividade masculina nas orquestras.⁸ Além disso, há uma recusa absoluta à publicação de textos e à formação teológica formal, uma vez que todas as decisões são atribuídas à “revelação divina”. Soma-se a esse contexto uma forte resistência às mídias: a CCB não faz propaganda em rádio ou TV e, por muito tempo, não

⁸ Como o fenômeno religioso é complexo, em Curitiba “quebrou pra cima” o modelo de templos, construíram um mega templo parecido com um shopping; e na Europa e EUA “quebrou pra baixo” as orquestras são mistas.

possuía sequer um site – apenas uma página na internet informando que não tinha site. Atualmente, há uma página oficial com endereços dos templos na América do Norte e Europa (a diáspora brasileira exigiu?). Durante a pandemia de Covid-19, a CCB aderiu à transmissão das celebrações no Youtube⁹. Ou seja, até mesmo a mais homogênea das igrejas pentecostais não é tão homogênea quanto aparenta ser?

As ADs são, como defini, em outro texto:

A Assembleia de Deus no Brasil é brasileira? Brasileiríssima. Ela pode não ser a cara do Brasil, mas é um retrato fiel. E um dos principais. É uma das sínteses mais próximas da realidade brasileira. Como o Brasil, é moderna, mas conservadora; presente, mas invisível; imensa, mas insignificante; única, mas diversificada; plural, mas sectária; rica, mas injusta; passiva, mas festiva; feminina, mas machista; urbana, mas periférica; mística, mas secular; carismática, mas racionalizada; fenomenológica, mas burocrática; comunitária, mas hierarquizada; grande, mas fracionada; barulhenta, mas calada; presente, mas invisível; omissa, mas vibrante; sofredora, mas feliz. É brasileira. (Alencar, 2018:23)

Se existe uma regra nas Assembleias de Deus (ADs) é essa: não ter regras. Templos distintos, modelos eclesiais diferenciados, liturgias diversas, nomes adjetivados, e centenas ou milhares de Ministérios¹⁰ numa disputa (quase) fraterna que usa o nome Assembleias de Deus numa pluralidade infinda. No entanto, existem três grandes convenções nacionais: a *Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB)*, a *Convenção Nacional das Assembleias de Deus - Ministério Madureira (CONAMAD)* e *Convenção da Assembleia de Deus no Brasil (CADB)*¹¹, além de inúmeras Convenções Regionais e Estaduais e locais.

⁹ <https://congregacaocristanobrasil.org.br>

¹⁰ Ministérios nas ADs é um conglomerado de igrejas lideradas por um pastor-presidente e com uma igreja-sede. Invariavelmente, é o nome do bairro ou cidade onde a igreja sede está localizada. Na cidade de São Paulo, existem os *Ministério do Belém*, *Ministério do Braz*, *Ministério de Perus* (todos bairros da cidade), idem, no RJ e demais cidades e bairros no país. Como diz o Fajardo (2018: 135), as ADs cresceram pelo esgarçamento da “ministerialização” que existe há décadas. No momento, também surgiram alguns Ministérios com nomes adjetivados, impossível de serem mapeados geograficamente.

¹¹ <https://cgadb.org.br/> <https://conamad.com.br/> <https://portalcadb.com.br/>

Mais uma originalidade brasileira: todas se denominam como “convenção de igrejas”, mas são formadas apenas por pastores¹².

3. As polissêmicas ritualizações pentecostais

Sobre os grupos posteriores e atuais é absolutamente impossível se definir algum padrão, mas em resumo, podemos enumerar o seguinte:

Nos templos, há casos em que homens e mulheres ficam separados, e outros em que todos se misturam; algumas igrejas adotam um único estilo musical, enquanto outras exploram uma grande diversidade; há desde exclusividade de orquestras até proibição total de instrumentos de percussão; a música congregacional pode ser executada em uníssono, mas também pode contar com solos, trios, quartetos, corais e conjuntos diversos formados por homens, mulheres, jovens, adolescentes ou crianças.

Quanto à arquitetura, observa-se tanto um padrão uniforme quanto uma multiplicidade infindável de modelos; a liberdade de expressão corporal, como a dança, é permitida em alguns lugares, mas negada de forma absoluta em outros.

Espaços sagrados podem segregar hierarquias ou garantir participação paritária; títulos eclesiásticos podem ser rigorosamente distinguidos, com exclusividade masculina, ou haver completa indiferenciação entre clero e leigos, com paridade de gênero em cargos e funções.

A disciplina varia entre a exclusão da comunhão por desobediência aos dogmas e a relativização desses mesmos dogmas.

Essas diferenças também se manifestam nas práticas litúrgicas e pastorais. Canções apenas dos Hinários Oficiais ou música gospel (Cunha, 2009); Santa Ceia aberta à participação de todos ou Santa Fechada, exclusiva para membros da

¹² A CONAMAD, além de pastores, tem bispos. Bispo Primaz e um colegiado de bispos. Mas mudou apenas a nomenclatura das demais que tem “pastores-presidentes”, pois, em todas as Convenções, bispos ou pastores-presidentes, são vitalícios com poder absoluto.

igreja; orações simultâneas ou regulação estrita e rigorosa de tempo e de falas; vestuário dentro do rigor moral ou indistinção de vestimentas, inclusive sem separação de gênero; prática de esportes como ferramenta de proselitismo ou condenação total; uso irrestrito das mídias ou exclusão seletiva; caminhada ecumênica ou “guerra santa” de intolerância; respeito à diversidade religiosa ou perseguição criminosa a outros grupos; sacralização de Israel ou distinção entre bênção bíblica e nacionalismo; heteronormatividade excludente ou acolhimento indistinto das sexualidades; participação política ou apoliticismo absoluto com justificativa escatológica; iconografia ou iconoclastia.

E, por fim, uma *distinção simbólica* (Bourdieu, 1974), interna e externa: um rito social de cumprimento exclusivo e excludente — “*A Paz do Senhor*”, “*A Paz de Deus*”, ou “*Graça e Paz*”; ou, ainda, separados por gênero, com a saudação do “ósculo santo”¹³. E, apesar da pretensão diferencial, se essa distinção de cumprimento serviu, no início do século XX, como “rito de reforço” (DaMatta, 1990) ou “demanda de compensação” (Bourdieu, 1974), hoje, pluralizado e popularizado, esse repertório de “ritos pentecostais” se tornou comum, até entre pessoas que não são membros do grupo. A “gramática pentecostal” se tornou um produto cultural, pois, se antes era algo exclusivo de grupos arredios, isolados do mundo, na atualidade, com o crescimento numérico nas periferias, essa linguagem se tornou comum em todos os lugares¹⁴.

Quais desses ritos ou ritualizações poderiam ser indicados como padrões pentecostais? Todos. Mas também nenhum. Ironicamente plurais, mas também mimetizadas, atualmente, todas as igrejas se parecem, mesmo sendo grupos distintos. Talvez o único grupo com peculiaridades quase imutáveis desde o início do século XX seja a CCB: arquitetura padrão dos templos, hierarquia eclesiástica simplificada e voluntária, e liturgia padrão que se mantém há mais

¹³ Homens muçulmanos também se cumprimentam com beijo na face, mas não tem fundamentação teológica, é muito mais um costume étnico.

¹⁴ “Benção”, “amado”, o “sangue de Jesus tem poder”, “tá amarrado”, e muitas outras expressões “esotéricas” do mundo pentecostal se tornam gírias comuns, pois, estão nas músicas consumidas fora dos ambientes religiosos e memes na internet.

de um século. Ressalve-se: no Brasil, pois em outros países há, sim, mudanças¹⁵. Assim, todas as demais igrejas pentecostais são passíveis de *aggiornamento pentecostal* (Costa, 2018).

Há duas simplificações históricas, repetidas inclusive em textos acadêmicos: a primeira é que o pentecostalismo é herança dos EUA. No Brasil, tanto a CCB, em 1910, quanto as ADs, em 1911, não foram fundadas, financiadas ou dirigidas por americanos (ao contrário das igrejas reformadas). A CCB nasceu italiana e ainda carrega muito do *ethos* italiano; as ADs nasceram nordestinas, com *ethos* sueco. Essas igrejas não deram espaço ao corpo, não enfrentaram o racismo, não entraram nas disputas teológicas entre *trinitarismos* e *unitarismos*¹⁶, assim, não tivemos, no Brasil, nem os méritos nem os deméritos do *black pentecostalism estadunidense*.

Daí o abismo entre a liturgia homogênea, petrificada e secularmente inabalável da CCB (herdeira da tradição presbiteriana e do catolicismo tridentino dos italianos), e a heterogeneidade infinda dos múltiplos *assembleianismos*, marcados pela herança anárquica batista e pela negação da institucionalidade dos suecos (Alencar, 2018).

A segunda simplificação é a leitura da localização hierárquica num templo pentecostal: homens de paletó no púlpito têm poder, mulheres sentadas nos bancos não têm. O poder é exclusivamente masculino? Sim e não. Como diria Foucault (2023), “onde existe poder, há resistências”.

As “empresas burocráticas de salvação” (Bourdieu, 1974), sim, são dirigidas majoritariamente por homens, como a Igreja Católica, a Ortodoxa e as protestantes. Mas muitas igrejas pentecostais têm mulheres como fundadoras,

¹⁵ Em expansão no mundo, acompanhando a migração reversa italiana, a CCB está presente em quase cem países, o que a levou, “por revelação” ou “por aculturação”, a fazer concessões nesses lugares. No Brasil, por exemplo, apenas homens participam das orquestras, mas em outros países as mulheres participam. Não existem documentos para comprovar ou desmentir, pois essa igreja não publica documentos teológicos, mas basta ver os inúmeros vídeos no Youtube.

¹⁶ *Trinitarismo* é a doutrina de um Deus Trino – Pai, Filho e Espírito; *Unitarismo* é a doutrina de um Deus em uma única pessoa. Essa doutrina ainda hoje é razão de cisões em alguns lugares, mas não no Brasil.

presidentes e dirigentes e, como em outras expressões religiosas no Brasil, contam com maioria de membresia feminina¹⁷. Mais importante do que o sistema burocrático, porém, é o “espiritual”, ou, nas palavras de Bourdieu, o “poder simbólico” (1974).

As mulheres podem não estar nas “cadeiras do poder”, nem ter título eclesiástico, mas possuem — e algumas sabem manejá-los com destreza — os “recursos espirituais”: dons, revelações, glossolalia. E essas manifestações extáticas são profundamente valorizadas no meio pentecostal. Qualquer mulher astuta e “espiritual”, munida de glossolalia ou de uma revelação profética, pode, se quiser, ocasionalmente derrubar um homem — ou, no mínimo, minar seu poder. As mulheres podem não ter poder institucional, mas têm *poder simbólico*. A *performance* pentecostal feminina (Borges, 2019) é, muitas vezes, profundamente desestabilizadora¹⁸.

4. As distinções pentecostais assembleianas

Os templos pentecostais, como os terreiros de religiões afro-brasileiras, são periféricos, formados pelo tipo *pppp*: *pobre, preto, periférico e pentecostal* (Alencar, 2023). Já os templos das igrejas reformadas, como os da Igreja Católica, oriundos das classes média e alta, surgidos no século XIX, localizam-se nos centros urbanos, pois esses eram os espaços das elites e do capital¹⁹.

Qual o distanciamento, então, que um assembleiano tem em relação à sua casa e ao templo onde congrega? Nenhum. Sua militância, inclusive, será acentuada. Antes, como católico, ao entrar em um templo com ostentação de

¹⁷ No Brasil, segundo o IBGE, apenas o judaísmo e o islamismo tem uma pequena maioria masculina.

¹⁸ “As *performances* têm, segundo ele (Turner), caráter “liminoide” produzem situações que estão fora (ou entre) posições sociais determinadas, o que destaca sua potencialidade transformadora, seu poder de gerar tensões e reformulações em ordens estabelecidas”.

¹⁹ Uma outra especificidade é a localização dos templos das igrejas neopentecostais, por exemplo, Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), todos em grandes avenidas. Há pesquisas denominando “templos-rodoviárias”. Mas isso é outro assunto.

riqueza e celebrações em latim, ele se via à margem. Agora, no “*templo-casa*”²⁰, ele participa: canta, prega, dá testemunho, varre o chão, oferta, organiza a vida do templo e, ao mesmo tempo, organiza sua própria vida no templo. O templo é *dele*; ele é a igreja.

Sua participação na vida do *templo-casa* será fundante na delimitação de sua identidade militante. Aqui, não há abismo entre clero e leigos; aliás, aqui, não existe clero e leigos²¹. No *templo-casa*, não há plateia, não há, como diria Bourdieu, “produtores e consumidores de bens simbólicos” em distinção. Não havia. Agora, no *templo-shopping*, há (Alencar, 2018).

A ritualização do *templo-shopping* é um espetáculo para a TV ou para a transmissão online. Se o *templo-casa* é marcado pelo voluntarismo carismático, o *templo-shopping* é uma burocracia econômica racional (Weber, 1998): profissionalizado na música, no atendimento, na limpeza, na segurança, na infraestrutura; com titulações eclesiais formais e a consolidação de uma “dinastia assembleiana” (Correa, 2018). E a plateia — apenas como plateia — participa: louva, aplaude, oferta, ora, fala, mas fala do seu lugar, não no microfone. Os ritos de passagem continuam os mesmos, mas as ritualizações são diferentes²². Aqui, também, todos são iguais, mas alguns são mais iguais que outros.

O *templo-casa* e o *templo-shopping* coexistem, na mesma cidade, no mesmo tempo. De forma piramidal, o templo-casa (as congregações) sustenta financeiramente o *templo-shopping* (a sede do Ministério)²³, onde estão as elites

²⁰ “Templo-casa” e “templo-shopping” é uma tipologia que pretende explicar o funcionamento e fundação das distinções sociais nas ADs (Alencar, 2018).

²¹ Nas ADs, quase exclusivamente os pastores-presidentes e pastores setoriais que formam as “Dinastias Assembleianas” (Correa, 2018) são pessoas que trabalham em tempo integral nas igrejas, mas a grande maioria dos pastores (que são pastores apenas na prática, mas na hierarquia estão baixo, como presbíteros e diáconos) são pessoas que trabalham como porteiros, mecânicos, pintores, etc., ou seja, pessoa na mesma condição social, econômica da membresia.

²² Os chamados ritos de passagem centrais na sociedade: nascimento, casamento e morte, e acrescente-se, nas igrejas, aniversários e enterros, são bem específicos não apenas em cada denominação, mas mudam também com o tempo e o espaço.

²³ *Ministério* é uma peculiaridade das ADs no Brasil. É como uma arquidiocese católica, uma jurisdição geográfica, mas nas ADs é autônoma. Um Ministério é um formado por um grupo de

eclesiásticas (o bispo, o pastor-presidente e suas dinastias), e as pessoas de maior poder aquisitivo. É uma questão de interesses (Weber)²⁴, afinal “o vento sopra onde quer”. Enfim, as distinções rituais assembleianas, especificando apenas o maior grupo pentecostal brasileiro, tem muito mais a ver com questões geográficas, portanto, econômicas e sociais do que teológicas. E as demais expressões pentecostais não fogem muito disso.

5. Ausência de parâmetros é um sinal de modernidade?

Numa igreja pentecostal, os participantes das celebrações, sacerdotes ou leigos, podem usar roupas do dia a dia, ou, paletó e gravata. Assim, não existe *paramento* oficial, mas o paletó e gravata é obrigatório para os pastores e obreiros, então, temos um “paramento” – símbolo da vida moderna? Sim, pastores parecem mais executivos capitalistas que sacerdotes. Alguns apenas parecem. Outros, são.

Na mais absoluta polissemia pentecostal da atualidade, os milhares de igrejas autônomas estão dia a dia “inventando a roda”. Mimetizando a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), com seus ritos com objetos (flores, pão, semente) ou seus “cultos temáticos” (Encontro com Deus, Prosperidade, Corrente dos 70, etc.), muitas outras igrejas também criam alguns rituais, mas diferentes do Calendário Litúrgico Católico, celebrado há milênios, essa produção das novas igrejas é tão esporádica e mutável quanto são as próprias igrejas, nomes, endereços e direção. Portanto é impossível identificá-los, pois, são um modelo de “religião em movimento” (Hervieu-Leger, 2018).

Os protestantismos têm características modernas, como autonomia do indivíduo, separação da Igreja e Estado e racionalidade econômica (Weber, 2004; Cavalcante, 2017), mas entre ter e produzir *modernização* e ter *modernidade* há um

igrejas — as congregações — com templo-sede (templo-shopping) que, e, quase sempre leva o nome do bairro, por exemplo, AD Ministério do Brás, AD Ministério do Ipiranga (bairros de São Paulo), e também no restante do país.

²⁴ “Não as ideias, mas os interesses governam a conduta do homem” (Weber, 195:2020)

abismo. Jeffrey Herf (1990), analisando a República Weimar, criou o conceito de “modernismo reacionário”. Desse modo, cultura, política e tecnologia, podem ser dialética, paradoxal e concomitante uma produção tecnológica e moderna, mas também um modelo conservador na vida privada e moral. Portanto, podem ser igrejas *modernas* (na mídia, no funcionamento institucional com racionalidade econômica), mas *conservadoras* (na moralidade). Assim, são a cara do Brasil.

Victor Barozzo (2020:230), usando o conceito de Hert, analisa as ADs assim:

Nossa hipótese é que as ADs se desenvolveram como um tipo de modernismo reacionário religioso, no qual, ao longo do tempo, vai se modernizando como uma reação à própria modernidade, mas, o faz para preservar e perpetuar a tradição que, neste processo, vai sendo permanentemente recomposta. O modernismo reacionário assembleiano se dá na dinâmica e recomposição permanente entre tradição e modernidade. Portanto, ele desencadeia dois movimentos simultâneos: um de tradicionalização e outro de modernização da igreja – não como processos opostos, mas integrados e interdependentes.

E, nas novas igrejas pentecostais, esse “modernismo reacionário” poderia também ser aplicado, por exemplo, em um ritual que, talvez, seja a mais visível presença evangélica pentecostal no país, como a *Marcha para Jesus*. Moderna na liberação do corpo/dança, na midiaticização da mensagem, na sua estética, mas conservador no conteúdo da mensagem, por conseguinte, na moralidade.

Considerações finais

Sérgio Buarque de Holanda (1999:149), no clássico *Raízes do Brasil*, afirma: “No Brasil é precisamente o rigorismo do rito que se afrouxa ou humaniza”. Ele cita autores protestantes que não acreditavam nas possibilidades de crescimento das “seitas nórdicas”, porque o “ritualismo não nos é necessário”. Mas esses autores não viveram para ver o carnaval ser ritualmente “racionalizado” no Sambódromo e os pentecostalismos serem “carnavalizados”, por exemplo, na *Marcha para Jesus*.

Samba e futebol são considerados nossos principais ritos, nossos símbolos nacionais. As escolas de samba, no Rio de Janeiro, nasceram nos terreiros de cultos afro. Os blocos de rua, miscigenados, sincréticos, festivos e democraticamente anárquicos, são o suprassumo do “rito frouxo”: sem interdições quanto à vestimenta, música, dança ou sexualidade. Algumas décadas depois, na síndrome ufanista brasileira, o “rito frouxo” se transforma no “maior espetáculo da terra”.

As escolas de samba no Sambódromo apresentam um show cronometrado, coreografado, milimetricamente pensado e ensaiado dentro do “rigorismo do rito” para não perder pontos de harmonia e conquistar o título e, celebram orixás, com patrocínio capitalista. É, simbioticamente, uma celebração *carismática* (Weber) popular, mas também uma celebração *racional, burocrática e econômica*. E, mesmo havendo um abismo entre os blocos na rua e o espetáculo na TV, **tudo é carnaval**. Nada mais simbólico do Brasil.

Em vez de ausência de rito, o que se observa no pentecostalismo é a presença de uma ritualidade viva, mutante e situada. A “anarquia” litúrgica, longe de ser desorganização, revela outra lógica de sacralização: fluida, simbólica, afetiva e socialmente potente. Entre o *templo-casa* e o *templo-shopping*, entre o improvisado e a estrutura, entre a exclusão institucional e o poder simbólico feminino, os ritos pentecostais encenam o cotidiano da fé em um país onde o rito, como o vento, sopra onde quer.

Se o Brasil nasceu com um *rito católico*, a missa de 1500, a virada de ano é marcada por um *rito afro* — velas acesas na areia da praia; jogadores que fazem três gols pedem música no *Fantástico* — um *rito gospel*; no Palácio do Planalto, o presidente Lula, ao sancionar a lei do *Dia Nacional da Música Gospel*, foi abençoado com uma oração — um *rito pentecostal*, então, os ritos, no Brasil, são cada vez mais humanos e frouxos.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Gedeon. *Protestantismo Tupiniquim*. Hipóteses sobre a (não) contribuição à cultura brasileira, São Paulo, Ed. Recriar, 2018.
- ALENCAR, Gedeon. *Matriz Pentecostal Brasileira*. Assembleias de Deus (1911-2011), São Paulo, Ed. Recriar, 2018.
- ALENCAR, Gedeon. *Nas Assembleias de Deus não há racismos, pois, nas Assembleias de Deus, pessoas negras (não) tem lugar*, in Monteiro, 2023.
- AZEVEDO, Israel Belo. *A celebração do individuo*, Piracicaba, Unimep, 1996.
- BAROZZO, Victor Breno Farias. *O “Espírito” da Modernidade religiosa à brasileira: um estudo socioantropológico das relações, perspectivas e recomposições dos pentecostalismos na moderna sociedade no Brasil*. Tese de Doutorado em Ciências da Religião, UFP, 2020.
- BORGES, Laís Gomes. “Performance - Victor Turner”. In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2019. Disponível em: <http://ea.fflch.usp.br/conceito/performance-victor-turner>
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*, São Paulo, Perspectiva, 1974.
- CAMPOS, Bernardo. *De la Reforma Protestante a la Pentecostalidat de la Iglesia*. Debate sobre el Pentecostalismo em America Latina, CLAI, Quito, 1997.
- CAVALCANTE, Ronaldo. *As relações entre Protestantismo e Modernidade*, São Paulo, Paulinas/CAPES, 2017.
- COHN, Gabriel (org.). *Weber – sociologia*. Coleção *Grandes Cientistas Sociais*, São Paulo, Ática, 1991.
- CORREA, Marina. *Dinastias Assembleianas*, São Paulo, Ed. Recriar, 2018.

CUNHA, Magali. *A explosão gospel. Um olhar das Ciências Humanas sobre o Cenário Evangélico no Brasil*, Rio de Janeiro, Maud, 2009.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis. Para uma sociologia do dilema brasileiro*, Rio de Janeiro, Guanabara, 1990.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território, População*, São Paulo, Martins Fontes, 2023.

HERVIEU-Léger. *O peregrino e o convertido. A religião em movimento*. Petrópolis, Ed. Vozes, 2018.

HOLANDA, Sergio. *As raízes do Brasil*, São Paulo, Cia das Letras, 1999.

MOAB, Costa. *O aggiornamento do pentecostalismo brasileiro*, São Paulo, Ed. Recriar, 2018.

MONTEIRO, Alef (org.). *Racismo e Negritude no Pentecostalismo Evangélico Brasileiro. Perspectivas contemporâneas*, Rio de Janeiro, Ed. Telha, 2023.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade*, Brasília, Unb, 1998.

WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*, São Paulo, CTC, 2020.